

Em Santa Cruz, há falta até de giz e apagador

Não há portão, o capim toma conta do pátio, nenhuma janela está inteira, as paredes são pichadas e cobertas de infiltrações. Nos banheiros faltam pias e até vasos sanitários, a iluminação é precária, a cisterna não é limpa há muito tempo. Nas salas de aula faltam carteiras, giz e até apagador, e os alunos convivem com a presença de mosquitos e ratos. Embora pareça inacreditável, essa é a situação da Escola Municipal Silvia de Araujo Toledo, no conjunto habitacional Cesarão, em Santa Cruz, que continua funcionando normalmente apesar dos problemas. Mas ela não é a única: muitas escolas da Zona Oeste estão em condições semelhantes.

Durante o turno da manhã e da tarde, a Escola Sílvia de Araújo To-

ledo — fundada em 1982 — é aberta para alunos do C.A à 4ª série e, à noite, para o Segundo Grau, totalizando mais de mil estudantes. Segundo informações de professores, a escola é constantemente invadida por marginais, que roubam desde máquinas de escrever até a merenda da dispensa. Os professores disseram, ainda, que várias turmas estão sem professores e que, somente em 1989, alunos de seis turmas passaram o ano sem assistir a uma aula sequer.

Aureni Lopes de Oliveira, de 36 anos, moradora do Cesarão, contou que seu filho Reinaldo, de 11 anos, matriculado na terceira série da escola, muitas vezes sai mais cedo da aula para poder ir ao banheiro em casa.

— É um absurdo que um aluno não possa usar o banheiro e nem beber água na escola. Quando chove ele também sai mais cedo, já que todas as janelas estão com os vidros quebrados — disse Aureni.

Já Marli dos Santos, de 54 anos, contou que sua filha Marili dos Santos, que é professora da escola, tem que dar aula quase no escuro.

— As lâmpadas vão se queimando e ninguém troca. Tudo que se quebra ou se estraga na escola não é consertado.

Segundo Marli, esse problema acontece porque o prédio da escola pertence ao Estado e está emprestado ao Município e nenhum dos dois governos assume a responsabilidade.